

Liberdade vigiada na escola

SAMANTA SALLUM
E RENATO ALVES
DA EQUIPE DO CORREIO

Wanderlei Pozzembom 28.8.03

Cinco escolas, cinco histórias de violência. Histórias, porém, que começam a ser reescritas como exemplos de que é possível enfrentar a criminalidade. Elas foram escolhidas pelo Ministério Público do Distrito Federal (MPDF) para integrar o projeto piloto dos Conselhos de Segurança Escolar. Na Ceilândia, participam a Escola Classe 60 e o Centro de Ensino 20. No Plano Piloto, o Setor Leste. E, em Samambaia, o Centro de Ensino 619 e o Centro de Ensino Médio 123.

Há um ano, o Ministério Público tenta colocar em prática o projeto. Mas somente há três meses ele começou a se tornar realidade. Ele prevê a criação de um grupo com representantes de pais, alunos, professores e funcionários da escola para desenvolver projetos de combate à violência. Por fazer parte do programa, as cinco escolas garantiram o direito de ter policiamento fixo.

A idéia do projeto nasceu depois de uma pesquisa da Comissão de Segurança Escolar, criada em maio de 2002, pelo MPDF. O levantamento mostrou que as escolas de Samambaia são as que mais registram ocorrência de atos ilícitos. Em seguida, estão Recanto das Emas, Santa Maria e Ceilândia (leia quadro).

O Plano Piloto está em 11º lugar no ranking geral da violência nas escolas, mas em dois itens da pesquisa aparece em quarto lugar: no uso e no tráfico de drogas. O estudo revela que 40% das escolas públicas no DF admitem que há alunos usando entorpecentes. As conclusões da pesquisa foram retiradas de questionários respondidos pelos diretores, em 2001. Foram pesquisadas todas as 590 escolas de ensino público, que somam cerca de 600 mil alunos.

A pesquisa mostrou que em 95% das escolas com turno noturno havia deficiência de iluminação até o ponto de ônibus mais próximo e que, em 53%, há venda de bebida alcoólica próximo à área do colégio, o que é proibido por lei. "Do período da pesquisa para cá, nossa preocupação só aumentou. A tendência desses números só é piorar. Por isso, estamos empenhados em criar os conselhos em todas as escolas do Distrito Federal", destaca o promotor Rubin Lemos, da Comissão de Segurança Escolar do Ministério Público. A pesquisa foi realizada por ele e pela promotora Luísa de Marillac.

"A violência não tem que ser combatida só pela polícia. A comunidade escolar sabe muito mais dos seus problemas e como combatê-los", afirma o comandante do Batalhão Escolar, major Hevaldo Marques Viegas, que aprova o projeto do Conselho de Segurança Escolar.

A Secretaria de Educação também está engajada no projeto. "Os conselhos funcionam como uma ponte entre as escolas e os órgãos do governo", diz a professora Maria José Bonfim, representante do governo no gerenciamento dos conselhos. O *Correio* visitou três das cinco escolas que participam do projeto da Comissão de Segurança Escolar e encontrou realidades diferentes. Enquanto duas conseguiram deslanchar o projeto, uma enfrenta dificuldades.



CONSELHEIROS DA ESCOLA CLASSE 60, DA EXPANSÃO DO SETOR O DE CEILÂNDIA, COMEMORAM O FIM DA VIOLÊNCIA NA ESCOLA, ONDE EM 2002 UM ALUNO FOI ASSASSINADO A TIROS POR UM COLEGA



Arte: Amaro Junior

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DF

35% já tiveram ocorrências envolvendo porte de arma

30% registraram tráfico de entorpecentes

40% registraram uso de entorpecentes

72,88% tiveram ocorrência de furto

52,02% registraram brigas com lesões corporais

Fatores de insegurança

95,3% das escolas que funcionam à noite têm deficiência de iluminação até o ponto de ônibus mais próximo

78,81% não possuem ponto de ônibus próximo. Alunos têm de percorrer distâncias em locais mal iluminados.

53,22% tinham estabelecimento oferecendo bebida alcoólica dentro do perímetro escolar, o que é proibido por lei.

42% das escolas não tinham porteiro

47% tinham deficiência de porteiro no turno da noite

Ranking da violência nas escolas por região

- 1º Samambaia
- 2º Recanto das Emas
- 3º Santa Maria
- 4º Ceilândia
- 5º Paranoá
- 6º São Sebastião
- 7º Taguatinga
- 8º Gama
- 9º Núcleo Bandeirante
- 10º Brazlândia
- 11º Plano Piloto/Cruzeiro
- 12º Guará
- 13º Planaltina
- 14º Sobradinho

Fonte: Pesquisa da Comissão de Segurança Escolar do MPDF/2001

Alunos da Ceilândia encontram a paz

Quatro tiros mancharam de sangue o pátio da escola e provocaram uma onda de medo que resultou na saída de 40% dos alunos. Clayton Alves de Lima, 16 anos, morreu baleado por um colega de sala, com quem tinha desavenças. O crime, que aconteceu em abril de 2002, traumatizou professores, alunos, pais e funcionários. A Escola Classe 60 da Ceilândia, porém, não se rendeu e com a ajuda do Ministério Público se empenhou num movimento de recuperação. Hoje, ela é outra, graças ao Conselho de Segurança Escolar.

Se a pesquisa do MPDF fosse realizada hoje, provavelmente a escola, que tem cerca de mil alunos, não faria mais parte do grupo de 35% dos colégios que registraram ocorrências com porte de armas. A professora Sonilda de Fátima Santos lembra quando teve um revólver apontado para a cabeça em plena sala de aula, porque tinha punido o aluno com suspensão.

"Ele tinha colocado fogo no mural. Tentou me intimidar e tive de chamar a polícia. O aluno chegou a fazer três disparos para o alto no pátio da escola. Depois pediu desculpas", conta Sonilda, que não se intimidou e hoje é presidente do Conselho de Segurança da escola.

Raimundo Nonato, 46 anos, representante dos pais no conselho, também conta que sua relação com a escola mu-

dou. "Minha filha presenciou a morte do Clayton. Depois disso, eu quis tirá-la do colégio. Mas agora, com o conselho de segurança, vimos que é possível trazer a paz novamente para cá", diz.

Depois de enfrentar uma evasão de 40% dos alunos, a escola está lotada. Alunos esperam por vagas. "Hoje nossa escola recebe uma atenção especial dos órgãos de governo, porque participamos do programa do Ministério Público. Conseguimos policiamento fixo e apoio da administração regional para fazer reformas", comemora a diretora, Rosângela Rodrigues dos Santos. A escola acabou de conseguir dez computadores para oferecer aulas de informática.

Os dois alunos que fazem parte do conselho passaram por um processo de conversão. Antes considerados rebeldes, hoje são exemplos. O comportamento e as notas melhoraram. "No início, achei meio chato. Pensei que eu fosse ser dedo-duro. Mas depois vi que as coisas estavam funcionando. Que a escola podia atender aos pedidos dos alunos, como a reforma da quadra de esporte", conta Júlio dos Santos, 18 anos, aluno da 7ª série.

O colega Michael da Silva, de 17, é responsável pelo som no recreio. "Trocamos o funk, as músicas mais violentas por rock e axé. Antes a galera brigava, agora todo mundo dança."